Institute for the Documentation of Human Rights Violations against Religious Minorities in the Levant

WHERE SILENCE ENDS AND JUSTICE BEGINS

“Uma Síria democrática para todos?

Restaurando o pluralismo, a lei e a justiça à sombra do islamismo político de al-Sharaa”

– Discurso –

Prof. Dr. Jens Kreinath | IDHRV-ARMIL

Painel de discussão

“O Islã político versus a democracia | Diálogo. Ultrapassando fronteiras”

MuseumsQuartier Vienna, Sala D | Viena, Áustria

Instituto Educacional e Cultural “bil:kult”

Domingo, 26 de outubro de 2025, 18h30

Senhoras e senhores,

É uma honra para mim falar aqui e contribuir para o importante diálogo sobre o Islã político e a democracia. Hoje, estou aqui não apenas como cientista, mas também como testemunha. Falo como fundadora e diretora do Instituto para a Documentação de Violações dos Direitos Humanos contra Minorias Religiosas no Levante (IDHRV-ARMIL). Estou aqui em nome das vítimas, dos sobreviventes e dos defensores dos direitos humanos que estão documentando a destruição da pulsão pluralista da Síria, arriscando suas vidas.

Os alauítas, cristãos, drusos, ismaelitas, murshids, sunitas, yazidis e muitos outros — comunidades que durante séculos viveram, trabalharam e rezaram lado a lado na Síria — estão agora a ser perseguidos, executados e silenciados.

Após a queda de Assad, a Síria caiu novamente — desta vez sob o domínio de Ahmad al-Sharaa, conhecido como al-Jolani, e seus aliados militantes da Hayat Tahrir al-Sham (HTS).

Eles se autodenominam defensores da fé. Mas, na verdade, são destruidores da fé — e da própria humanidade. Seu chamado "governo islâmico" e sua interpretação extremista da lei Sharia na Síria não têm mais nada a ver com o Islã, nada a ver com o Alcorão, nada a ver com uma religião que respeita a misericórdia, a paz e a reconciliação, bem como a justiça, a verdade e a própria vida.

O que vemos aqui não é fé, é fanatismo cego. O que estamos testemunhando não é um governo, mas um regime de terror, disfarçado de piedade de obediência cega e devota.

Com a queda de Bashar al-Assad em 8 de dezembro de 2024, o grupo rebelde islâmico radical Hayat Tahrir Al-Sham (HTS) assumiu o poder, com Ahmad al-Sharaa como seu novo líder na Síria, conhecido há anos por seus massacres e violações dos direitos humanos e que não só foi processado como terrorista, mas ainda está listado como tal pela ONU.

Desde o colapso do regime de Assad, a Síria tem passado por uma escalada preocupante de violência ideológica e religiosa. Desde o início de 2025 (os primeiros casos ocorreram já no final de 2024), os ataques direcionados às comunidades alauítas, cristãs e drusas se intensificaram, marcando uma virada perigosa no conflito que já dura mais de 14 anos.

Após os primeiros massacres em grande escala, cuidadosamente planejados e meticulosamente executados nas áreas costeiras, com base em informações de inteligência coletadas ao longo de um mês, a situação das minorias religiosas, que fazem parte do panorama cultural e étnico da Síria, tornou-se precária e continua extremamente alarmante até hoje. Além desses perigos, os membros das comunidades alauítas, cristãs e drusas estão expostos à ameaça diária de assassinato, estupro e sequestro.

Os resultados das pesquisas do nosso Instituto e os dados disponíveis publicamente mostram claramente que os alauítas e os cristãos estavam prontos para virar uma nova página. Eles depuseram as armas e sinalizaram sua disposição incondicional de cooperar com os novos governantes. No entanto, como se viu, isso os tornou vítimas indefesas, e eles foram surpreendidos pelo que aconteceu com eles depois. Essa foi uma quebra irrevogável de confiança, à qual o governo de transição respondeu com comentários pouco entusiásticos — se não cínicos e altamente questionáveis.

Os massacres em Latakia, Jableh, Baniyas, o bombardeio da Igreja Mar Elias em Damasco, o cerco de Suwaida — isso não foi caos, nem vingança, mas um planejamento a sangue frio. Mulheres foram estupradas; homens e meninos foram executados. Igrejas e locais de culto religioso foram impiedosamente incendiados e destruídos. Hospitais foram atacados e seus funcionários executados a sangue frio. Esses crimes são deliberados e sistemáticos. São planejados e muito bem coordenados. São crimes contra a humanidade.

As evidências que temos diante de nós mostram claramente que: O atual "governo" da Síria governa com base nos princípios da Al-Qaeda, uma interpretação radical da lei Sharia, e não está disposto a respeitar os direitos humanos nem a assumir responsabilidades. Ele removeu todas as proteções legais para populações vulneráveis que não se conformam com essa visão.

Com exceção da lei Sharia, não existe nenhum sistema jurídico seguro em vigor. Alauítas, cristãos e drusos estão expostos a ameaças constantes de grupos militantes e fora da lei. Alauítas e drusos são particularmente visados. São considerados apóstatas e hereges que abandonaram a casa do Islão. Embora os cristãos não sejam vistos da mesma forma, há indícios claros de tentativas incessantes para os forçar a converter-se ao Islão.

Ao contrário dos cristãos, os alauítas e drusos são desumanizados dessa forma e tratados como animais, de modo que os direitos humanos também não se aplicam a eles. Os corpos deixados para trás após os massacres em Latakia e Suweida não foram tratados com dignidade. Eles foram mutilados, queimados e deixados ao ar livre, onde se decomporam e foram devorados por animais. Em casos documentados, os familiares não tiveram permissão para enterrar seus mortos com dignidade.

A lista de atrocidades é demasiado longa e extensa em termos de escala e impacto psicológico para ser reproduzida aqui na íntegra.

Até o momento, o governo de transição não mostrou sinais de assumir a responsabilidade ou levar a sério essas atrocidades como uma ameaça à segurança pública. Os grupos militantes nunca foram responsabilizados por suas ações. Pelo contrário, eles são recompensados e até mesmo incentivados. Esses incidentes são negligentemente descartados como atos de vingança

contra os chamados remanescentes do regime de Assad. Alawitas e drusos são rotulados como terroristas que buscam independência e autogoverno em vez de apoiar incondicionalmente o governo centralista.

Esses acontecimentos exigem atenção urgente e investigação imediata por comissões internacionais de inquérito da ONU, que continuam impedidas de fazer seu trabalho. Eles não apenas refletem um colapso da proteção estatal, mas também marcam o surgimento de um novo poder baseado na religião que marca racialmente as diferenças étnicas e religiosas e as explora politicamente de forma radical.

Gostaria de destacar apenas três pontos decisivos nos recentes acontecimentos na Síria que merecem atenção especial.

- Em 7 de março, começaram massacres coordenados contra a população civil predominantemente alauita nas regiões costeiras, indicando uma campanha direcionada de limpeza religiosa.
- Em 22 de junho, a Igreja Ortodoxa Grega Mar Elias, em Damasco, foi alvo de um atentado suicida que abalou a comunidade cristã e destacou a vulnerabilidade das minorias religiosas nos centros urbanos.
- Em 13 de julho, as comunidades drusa e cristã em Suweida começaram a sofrer um cerco militar sustentado, com relatos de acesso restrito à ajuda humanitária e deslocamento forçado.

Em todos os casos, o governo sírio tinha informações de inteligência suficientes para permitir o planejamento e a execução sistemáticos dos massacres. Atualmente, os mesmos padrões de massacres estão se repetindo nos recentes ataques em Aleppo, Homs e Tartus, ou seja, em bairros onde vivem alauítas e cristãos.

Além desses casos, padrões estruturais de opressão e exploração estão se tornando evidentes. São eles:

- A reformulação de Idlib como centro econômico e estratégico da Síria — devido à sua proximidade com a Turquia — possibilitou uma nova forma de controle militar.
- Transferências de propriedade, impostos religiosos e exclusões judiciais institucionalizaram a hierarquia baseada na religião.
- Os alauítas são privados de quaisquer direitos legais. São considerados culpados devido à sua ligação ao antigo regime. Mais importante ainda, porém, são vistos como renegados do Islão. Há apelos abertos e indisfarçáveis para a sua destruição e extermínio.

- Bairros inteiros em Latakia e arredores foram alvo de limpeza étnica, como o bairro de al-Qusour, em Baniyas, onde os cristãos da região não foram especificamente visados. Em Hama e Homs, as comunidades cristãs enfrentam expulsão, apelos abertos à conversão e incitação à violência. Mulheres e crianças estão sendo sequestradas ou assassinadas nas ruas.
- A falta de garantias legais permitiu que dezenas de milhares de grupos armados operassem com impunidade e executassem grupos populacionais impopulares. Emires e senhores da guerra locais exercem poder irrestrito, enquanto milícias sunitas leais mantêm suas armas e impõem interpretações extremas da lei Sharia.
- Alaítas e cristãos foram desarmados, deixando-os indefesos diante da escalada da violência.
- Terras e casas foram confiscadas sob o pretexto de empréstimos não pagos e tributação religiosa. Apenas alauítas, cristãos e judeus são afetados por essas apreensões de propriedades, como na limpeza étnica de um bairro alauíta inteiro em Damasco, que foi realizada em poucos dias.
- A discriminação sistemática continua em questões jurídicas, por exemplo, através de restrições à herança para cristãos e da proibição da conversão do islamismo ao cristianismo.
- Florestas e terras agrícolas foram deliberadamente incendiadas, sem qualquer assistência do governo para extinguir os incêndios.
- Uma revolução cultural e religiosa visa erradicar as tradições indígenas na Síria.
- O sequestro de mulheres, muitas vezes sob o pretexto de operações de segurança, reflete uma dimensão de opressão específica de gênero. As minorias são forçadas ao silêncio e à submissão.
- O testemunho de vítimas é quase impossível, pois é muito difícil persuadir vítimas tão traumatizadas a falar. As provas são destruídas. Qualquer tentativa de falar é ofuscada por ameaças de morte.

Para entender melhor como a unidade e a desunião na Síria são criadas e manifestadas não apenas por meio de ações, mas também por meio de palavras, é importante reconhecer a retórica usada para moldar a nova imagem da Síria.

- Em 8 de março, após os massacres em Latakia, Jableh e Baniyas, al-Sharaa expressou esperança por uma coexistência pacífica — um apelo que foi comemorado por seus apoiadores e combatentes.

- Durante o massacre de 22 de junho na Igreja Mar Elias, em Damasco, os cristãos que foram mortos por se recusarem a se converter ao islamismo foram retratados como vítimas — mas não como mártires. Na visão de al-Sharaa sobre o islamismo, o martírio é reservado para aqueles que morrem pela verdadeira fé. Isso exclui os cristãos.
- Após os ataques na província de Suweida, que começaram em 14 de julho, al-Sharaa afirmou que aqueles que desobedeceram às ordens seriam responsabilizados. No entanto, ele nunca especificou quais eram essas ordens — nem quais seriam as consequências.

Para entender a realidade, acredite nas palavras de al-Sharaa e, em seguida, imagine o oposto mais cínico e exato delas.

Todas as evidências disponíveis mostram claramente que o engano está no cerne da criação e apresentação da nova imagem da Síria para o mundo exterior, a fim de legitimar o regime terrorista internamente.

O sistema de governo, que estrategicamente se exime da responsabilidade alegando que o passado não pode ser medido pelo presente e o presente não pode ser medido pelo passado, está implementando o princípio orientador da Al Qaeda no cenário político mundial.

Portanto, os sobreviventes e vítimas dessas atrocidades apelam à comunidade internacional — incluindo nós — para que olhem além das palavras vazias e examinem os fatos sem reservas. A verdade e a justiça só virão à tona quando todas as representações enganosas forem expostas como formas de propaganda política.

Este é um dos requisitos básicos do Alcorão: todas as formas de injustiça social e todas as formas de mentiras e distorções devem ser expostas para alcançar um objetivo: a paz! Pois a paz é um dos significados fundamentais do Islã.

Uma coisa é clara: é crucial apoiar os mecanismos do Estado de Direito e da responsabilização, fortalecer a proteção das comunidades vulneráveis e garantir que o envolvimento internacional não legitime inadvertidamente os atores cúmplices desses abusos.

O perigo imediato permanece: novos massacres e a deterioração das opções legais para o julgamento, além de uma nova onda de refugiados e migrantes da Síria.

A questão da humanidade e da dignidade não deve ser adiada indefinidamente em nome da reconciliação. Ela deve ser respondida agora – com responsabilização e solidariedade internacional.

A lição mais importante que a Síria pode aprender com a era Assad é clara: sem uma igualdade constitucional genuína para todos os cidadãos – minorias e maiorias –, ela não pode proteger suas fronteiras nem controlar seus recursos.

A comunidade internacional deve agora agir com determinação moral — exigindo justiça por meio de tribunais independentes, permitindo que os sobreviventes de um conflito de uma década liderem a reconstrução da Síria e mantendo-se firme em prol de uma *Síria para todos* — uma Síria na qual alauítas, cristãos, drusos, yazidis, sunitas e todos os outros grupos étnicos sejam iguais perante a lei.

As Nações Unidas — juntamente com a União Europeia, os Estados Unidos e todos os parceiros regionais — devem, portanto, iniciar um processo eleitoral transparente no qual todos os candidatos possam concorrer sem medo e todos os cidadãos possam votar livremente.

A Síria deve pertencer novamente ao povo sírio — governada por seus próprios cidadãos, livre de manipulação e influência estrangeiras, e não liderada por milícias ou ideólogos religiosos, mas governada de acordo com os princípios da lei, da justiça, da liberdade e da igualdade para todos. Somente a democracia genuína pode restaurar a confiança, renovar a fé e possibilitar a paz.

Por isso, é também crucial que as instituições europeias e a comunidade internacional:

- Exijam investigações rápidas, independentes e abrangentes sobre todos os massacres e expropriações passados e presentes;
- Apoiem sem reservas a documentação e o processo judicial conduzidos pelos sobreviventes, de acordo com os princípios do direito internacional;
- Condicionem o reconhecimento diplomático e qualquer apoio financeiro à restauração dos direitos humanos para todas as comunidades sírias e ao Estado de direito.

O silêncio perante tal sofrimento é uma clara cumplicidade. Justiça atrasada é justiça negada. Só quando as vozes das vítimas forem ouvidas é que a justiça poderá ser feita. Onde o silêncio termina, a justiça começa.

Obrigado!